

SANTA TERESA DE ÁVILA

CAMINHO DE  
PERFEIÇÃO

4ª EDIÇÃO

 EDIÇÕES  
CARMELO

Texto original revisto por: Tomás Álvarez, ocd.  
Tradução: Agostinho dos Reis Leal, ocd.  
Capa: Liliana Gonçalves

1.<sup>a</sup> edição: 1987  
2.<sup>a</sup> edição: Janeiro 2014  
3.<sup>a</sup> edição: Fevereiro 2022  
4.<sup>a</sup> edição: Março 2025

Depósito Legal: 544825/25  
ISBN: 978-972-640-215-2

© 2025, Edições Carmelo  
Convento de Avesadas  
Apartado 141  
4634-909 Marco de Canaveses  
Tel.: 255 531 354  
E-mail: [editorial@carmelo.pt](mailto:editorial@carmelo.pt)  
[www.carmelo.pt](http://www.carmelo.pt)

Composição e paginação:  
*Edições Carmelo*

Impressão:  
*Artipol - Águeda*

## INTRODUÇÃO

Teresa de Jesus entrou facilmente no rol dos escritores. Os examinadores e conselheiros, acabada a leitura do *Livro da Vida*, apressaram-se a dizer-lhe que era “de grande aproveitamento para aviso de coisas espirituais” (CC 53,8). Mas, porque a situação eclesial não era a mais propícia para que um livro, com tal profundidade mística, chegasse às mãos de todos, disseram-lhe que “escrevesse outro para as suas filhas... onde lhes desse alguns avisos” (*ibid.*). Certamente que Teresa está convencida da necessidade de oferecer à recente comunidade religiosa de S. José, em Ávila, uma palavra de guia e formação no espírito da Reforma por ela iniciada. Por isso, depressa começou a redigir uma obra nova.

### 1. Origem e processo da redacção

Provavelmente começou a escrever em 1566, logo que os seus conselheiros espirituais lho mandaram. Por outro lado, temos o pedido insistente das irmãs: “insistiram muito comigo para lhes dizer alguma coisa sobre esta matéria (a oração)” (Pról. 1; 42,3.7; 4,3). Não se conformavam com a palavra “ao vento” das conversas conventuais e das palestras de formação da Madre Fundadora. Queriam ter a palavra escrita. Teresa alude a esta origem imediata do livro que está a escrever: “Já vo-lo disse muitas vezes... e agora quero deixá-lo por escrito” (13,1; cf. 15,3; 6,5.8; 30,7).

Acima de tudo, a autora está plenamente convencida da necessidade de oferecer às suas irmãs uma séria formação na graça vocacional que as une; e muito mais numa Igreja agitada por forças contrárias em assuntos vitais que afectam muito concretamente o projecto que as convoca. E Teresa, mais do que ninguém, é consciente da importância do assunto. Empreende a tarefa, movida

pela força do Espírito de que se sente possuída e conduzida: “Oxalá pudesse eu escrever com muitas mãos para que, umas pelas outras, nada ficasse esquecido” (CE 34,4).

Uma Igreja agitada, em convulsão... E Teresa não podia olhar para o lado! Tratava-se de uma Igreja que amava e queria servir: algo muito vivo para a sensibilidade humana e religiosa desta mulher, para que pudesse prescindir do cenário em que se movia e no qual, ela e as suas irmãs na vocação, estavam chamadas a viver. Nem ela nem as suas monjas poderiam viver sem olhar de caras para o presente, para a Igreja da qual se reconheciam – ela com plena lucidez! – membros activos, com direitos irrenunciáveis.

Por isso, “o librilho” que lhe pedem, onde deixe “alguns avisos” sobre “coisas espirituais”, ultrapassa, sem dúvida, os objectivos dos seus conselheiros e converte-se, nas mãos da autora, num firme e claro pronunciamento sobre três problemas candentes: a depauperação intelectual, especialmente da mulher, à qual seguirá a proibição de ler livros sancionados pela Inquisição; a redução da mulher ao silêncio ou a uma presença passiva na Igreja; a tese de que “não é necessária a oração mental”.

O teólogo censor da obra da religiosa carmelita demonstrou a sua profunda inquietação e o incómodo por tantas correcções. Não tinha chegado ainda a meio do livro quando escreveu à margem: “parece repreender os inquisidores que proíbem livros de oração” (CE 36,4). Evidentemente! Pois exorta as suas religiosas a que não façam caso da opinião *do vulgo*; que rejeitem “os medos que vos apresentarem”; que “não são tempos para acreditar em todos, mas sim nos que vão muito conformes com a vida de Cristo”, que “são falsos profetas”... É demais! E ordena-lhe que escreva novamente desde do princípio.

A Santa enfrenta a reelaboração sem demora. Porém, com vontade de não renunciar ao seu pensamento. E assim faz, embora corrija o estilo e evite algumas expressões mais familiares ou

comparações mais ingênuas. A doutrina permanece. E passa pelo filtro da censura. É a redacção do chamado código de Valladolid e que é a que habitualmente se publica nas edições manuais modernas, com 42 capítulos, frente aos 73 da primeira redacção, chamada do Escorial e que também começa a apresentar-se aos leitores da obra teresiana.

Conforme se vão multiplicando os mosteiros da Reforma e, conseqüentemente, as cópias desta obra, autêntico catecismo de formação, a autora viu necessidade de o mandar imprimir para fazer face a uma deficiente transmissão. Chegou-nos a declaração de uma testemunha fiel e bem informada, a grande carmelita Ana de Jesus Lobera: “quando lhe chegavam às mãos [as cópias do *Caminho*], dizia: Deus perdoe aos meus confessores que dão o que me mandam escrever e eles, por ficar com ele, mudam-no e trocam algumas palavras, que esta e esta não é minha; depois apagava-as e punha entre linhas com a sua letra”.

Eram razões muito fortes para que Teresa decidisse imprimir um livro seu; mas nunca suficientes para o fazer sem que antes o fizesse passar pelas mãos dum “letrado”. Foi isto o que fez. E este terceiro código [o de Toledo], finalmente, foi impresso em Portugal (Évora) sob a responsabilidade do grande amigo da Reformadora, D. Teotónio de Bragança, poucos meses após a morte da sua autora.

## 2. Conteúdo do Caminho

O *Caminho de Perfeição* é um “tratado” de vida espiritual, para além dos “avisos” e “conselhos” para as suas religiosas, que lhe sugeriram e mandaram os seus confessores e também mais além da “maneira de proceder que vivemos nesta casa”, como diz ela mesma no *Prólogo*.

Termina a exposição com estas palavras bem esclarecedoras: “Como pudestes ver, ela [esta oração evangélica, o Pai-nosso] encerra em si todo o caminho espiritual, desde o princípio até Deus

mergulhar a alma em Si e lhe dar a beber com abundância da fonte de água viva [a contemplação perfeita]” (42,5). E este “caminho espiritual”, caminho de oração, Teresa divide-o em três partes, materialmente muito diferentes mas bem unidas logicamente. Por duas vezes, quase ao princípio e no fim do livro, a autora oferece-nos o esquema seguido. Escreve no capítulo quarto: “já vistes, filhas, a grande empresa que queremos ganhar” (1). Imediatamente depois fala-nos de “algumas coisas que é preciso as que pretendem seguir o caminho de oração”. E, finalmente, passa a falar directamente da oração. Teríamos, portanto, as partes seguintes:

1. “A grande empresa” do Carmelo expressa em termos de amizade com Jesus e a edificação eclesial a partir da particularidade vocacional que as irmana (cc. 1-3).

2. “Coisas que é preciso ter”, ou pressupostos para a oração ou amizade com Deus, que são: a caridade fraterna, o desprendimento e a humildade, com as quais se recria o ser. Por isso, acrescenta, há que empenhar-se “com determinada determinação” (cc. 4-25).

3. A oração: o que é, desenvolvimento, comportamento do orante, a contemplação (cc. 26-35).

4. E, por fim, os efeitos. Tendo em conta o esquema que estou a apresentar, a Santa começa com estas palavras: “Até aqui o Senhor ensinou-nos os modos de oração e de alta contemplação, desde os começos da oração mental... A partir de agora, o Senhor já começa a dar-nos a entender os efeitos desta oração” (37,1) – (37-42).

A oração, caminho de perfeição, de comunhão com Deus. Oração que tem umas premissas que, por sua vez, são fruto da relação de amizade com Deus. Oração que se demonstra pelos “efeitos”.

### **3. Recurso literário**

Teresa de Jesus é mestra no recurso a comparações. O seu estilo é plástico, visual. Duas comparações sustentam a exposição: a do

Mestre de oração e a do caminho que conduz à fonte de água viva, a contemplação. Como é seu hábito, não as desenvolve. Basta-lhe indicá-las: Jesus, o Mestre, “ensina-nos”, Ele que, aqui e agora, “nos fala ao coração”; o crente é o ensinado, o que escuta. A oração é “entender estas verdades”, as que Jesus nos ensina (22,8). Define a atitude fundamental do discípulo e também a do Mestre: “chegai-vos para junto deste bom Mestre, muito decididas a aprender o que vos ensina” (26,10).

Com a comparação do caminho indica a progressão, o dinamismo, desde o ponto de partida até chegar a beber da fonte de água viva onde o Mestre “convida a todos”. Afirma com vigor: “estou certa de que esta água viva não faltará a todos os que não se ficarem pelo caminho” (19,15).

Maximiliano Herráiz

tesouro, e que fazeis muito mais dizendo, de quando em vez, uma palavra do Pai-nosso do que repeti-lo muitas vezes à pressa. Aquele a quem pedis está muito perto de vós e não deixará de vos ouvir. Crede que é assim que se louva e santifica verdadeiramente o seu nome, porque, sendo já como os de sua casa, glorificais e louvais o Senhor com mais afeto e desejo, parecendo que já não podeis mais deixar de O servir.



## CAPÍTULO 32

*Trata das palavras do Pai-nosso: «Fiat voluntas tua sicut in coelo et in terra», e do muito que faz quem as diz com toda a determinação. O Senhor paga-lhe isto muito bem!*

1. Agora que o nosso bom Mestre nos pediu e ensinou a pedir uma coisa tão valiosa – que encerra tudo o que podemos desejar nesta terra – e nos concedeu esta enorme graça de nos tornarmos seus irmãos, vejamos o que é que Ele quer que ofereçamos a seu Pai, o que Lhe oferece por nós e o que nos pede, pois é justo que O sirvamos nalguma coisa por estas graças tão grandes. Ó bom Jesus, como é que tendo tão pouca coisa nossa para dar, pedis tanto para nós! Com efeito, o que damos é nada em comparação com o muito que devemos a tão grande Senhor! A verdade, meu Senhor, é que não nos deixais sem nada quando damos tudo o que podemos dar, isto é, se o dermos como dizemos.

2. *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como céu*<sup>182</sup>.

Fizestes bem, nosso bom Mestre, em apresentar primeiro ao Pai a súplica anterior, para que possamos cumprir o que ofereceis por nós; na verdade, Senhor, se assim não fosse, eu julgo que seria impossível. Mas, fazendo o vosso Pai o que Lhe pedis – dar-nos aqui o seu reino – eu sei que é verdade o que ofereceis por nós; porque, feita a terra e o céu, também é possível fazer-se em mim a vossa vontade. Mas sem isto, e em terra tão ruim e tão infrutífera como a minha, eu não sei, Senhor, como seria possível. Como é grande o que ofereceis!

3. Quando penso nisto, acho graça às pessoas que não ousam pedir ao Senhor sofrimentos, pensando que assim Ele lhos dá

---

<sup>182</sup> Mt 6, 10.

imediatamente. Não me refiro aos que, por humildade, não o fazem, julgando-se incapazes de os suportar. No entanto, estou convencida que Aquele que lhes dá o amor para pedir um meio tão doloroso para provar que O amam, também lho dará para os suportar. Eu gostaria de perguntar aos que, por receio de serem logo atendidos, não os pedem: o que dizem quando pedem ao Senhor que se faça neles a sua vontade? Será para o repetirem com todos, e não para o fazer? Isto, irmãs, não seria correto. Reparai como o bom Jesus aparece aqui como nosso embaixador, intervindo entre nós e seu Pai, pagando um elevado preço. Por isso, não seria justo que deixássemos de cumprir o que Ele oferece por nós, ou então não o digamos.

4. Agora quero entendê-lo de outra maneira. Vede, filhas, que isto se há-de cumprir, quer queiramos ou não, e a sua vontade há-de ser feita no céu e na terra. Portanto, acreditai-me, aceitai o meu parecer, e fazei da necessidade virtude. Oh meu Senhor, que consolação tão grande para mim ver que, num querer tão ruim como o meu, não deixastes de cumprir a vossa vontade! Bendito sejais para sempre e que todas as coisas Vos louvem! Seja glorificado o vosso nome para sempre! Seria engraçado, Senhor, que cumprir-se ou não a vossa vontade estivesse nas minhas mãos! Agora dou-vos livremente a minha, se bem que ainda não totalmente livre de interesse, pois já experimentei bem o ganho que é deixar a minha vontade livremente na vossa. Oh amigas, que grande é aqui o lucro! Mas também que grande é a perda se não cumprirmos o que prometemos ao Senhor quando rezamos o Pai-nosso!

5. Antes de falar no que se ganha, quero explicar-vos primeiro o muito a que vos comprometeis, para que mais tarde não alegueis engano, dizendo que o não entendestes. Não vos aconteça como a algumas religiosas que não fazemos senão prometer e, como não cumprimos, há a desculpa de dizer que não se entendeu o que se prometia. E até pode ser verdade, pois dizer que entregamos a nossa vontade à do outro parece muito fácil, mas, quando o